

O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SOPERACCIDENS POLITICO

*Hinc serare modum nostri novere libelli
Perdere verzonis, dicere de vitis.*
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nestas folhas as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

A Philosophia.

Eu morro: tudo me annuncia este proximo, e inevitavel termo. Para qual quer parte, que volva os olhos, não descubro mais, que documentos da morte. Eu não teria nem ao menos encarado a imagem da Philosophia, se me assustasse, ou intimidasse com esta lembrança. Eu considero a morte, como hum dos dons mais preciosos da Natureza. Ella he hum meio, de que a mesma Natureza se serve para a continua successão dos individuos, ficando sempre indestructivel a sua especie: he hum lei universal; e murmurar della seria oppor-se ás disposições eternas do Auctor da mesma Natureza. Eu morro: eis aqui por outro lado hum certeza, hum evidencia amarga; por que sentindo-me nascido, como todos os outros individuos da especie humana, com hum irresistivel tendencia para saber, e conhecer; nenhum estudo, nenhuma applicação, nenhuma observação me tem salvado da ignorancia, e morro ignorante. A Natureza tudo revela, e nada explica: eu tenho

observado, e consultado em livros dos maiores Philosophos; eu não encontro se não enigmas impenetraveis á razão humana, e contido nos limites desta mesma razão, não palpei mais, do que sombras, que quanto mais se procura romper, mais se condensão. O primeiro objecto, que toca ao espirito do homem pensador, he este quadro augusto do Universo. Quer ao clarão da Philosophia descortinar sua origem, conhecer sua essencia, e na mesmo instante se desengana, que he impossivel penetrar este abysmo só com luzes da razão. Com ella não se conhece a origem da materia: observa-se na mesma materia hum qualidade inherente, que he o movimento, e só com a razão não se pode, nem poderá jamais conhecer a causa, e a origem do movimento. Perdi hum grande parte da minha vida na indagação destes dois enigmas pelo estudo dos escriptos dos antigos: nenhum dos systemas dos Philosophos me foi desconhecido; porque nenhum dellas deixa de ser exposto nos livros de Bruker. Não encon-

trei mais, do que duvidas, fluctuações, miseráveis, e lastimosos enganos. Li os Modernos: pôde, por ex., Descartes, ou Newton dizer como as cousas se fazem. As minhas conclusões foram sempre estas — Tudo se ignora: nós não sabemos em Philosophia natural, nós não sabemos em Metaphisica, se não aquillo, que a Revelação nos quiz dizer; mas os Mystérios da Revelação são para se acreditarem, e não para se discutirem. Não há huma só opinião dos Philosophos, que se não possa considerar huma verdadeira loucura: basta ler com alguma attenção a historia destas minhas opiniões em todos os que escreverão ou vidas dos Philosophos, ou Historia da Philosophia: eu não limito esta proposição aos antigos, estendendo-a aos modernos: atracção, e turbilhões são do mesmo caracter, que qualidades occultas. He preciso pois, que eu distinga sempre estes dous termos: homem da Natureza, e homem da Revelação. No estado de conhecimentos naturaes, ou philosophicos tudo he ignorancia, bem como no estado de conhecimentos revelados tudo he sciencia, e demonstração; por que o espirito acredita, pára, e não discute. Eu não me contemplo neste estado, contemplo-me como puro Philosopho, e vejo, que como tal, tudo se ignora. Isto não he o partido do *Scepticismo*; por que huma vez que apparecesse a evidencia, eu cederia, e o achado d'huma verdadeira seria hum triumpho, mas eu morro ignorante, como todos.

E o que há demonstrado nas Sciencias Naturaes? Há huma guerra interminavel de Systemas: combatem-se, e destroem-se mutuamente, e todos parão nas mesmas barreiras, todos sentem os mesmos obstaculos, e nenhum delles desentranha a verdade do seio das sombras, em que jaz perpetuamente envolta; Considero a Sciencia Astronomica desde Thales até La-Place; nenhuma só verdade demonstrada. Os Seculos

tem produzido systemas; mas não tem produzido demonstrações. O motivo do movimento dos astros ainda ignora, e tanto me dizem as qualidades occultas de Aristoteles, os epicyclos de Ptolomeo, como as leis da gravitação inventadas por Newton: são chimeras os turbilhões de Descartes; tudo he sombra, enigma, e ignorancia. Do phenomeno mais patente he sempre a causa ignorada. D'onde procede o fluxo, e o refluxo? Como se accendem, e entretem os vulcões? Como se forma o raio? Qual a origem das fontes? Como se executa o phenomeno da geração animal? Qual he a causa da vegetação? Que cousa he esta terra, em que nos habitamos? Que revoluções tem sentido este Globo? Isto não sabe dizer a Philosophia, e he ser soberbo não se confessar ignorante. Tirai as palavras ao Philosopho, tirai-lhe o conhecimento da historia dos Systemas; em demonstrações fica igual ao rustico. Tal he o meu estado junto do tumulto. Eu sei o que os outros disserão; mas saber isto não he saber a verdade, e morro ignorante. Eu não sei dizer o que he huma estrella; eu não sei dizer o que he hum cometa; eu não conheço a essencia da luz; eu ignoro, que cousa seja o ar, como se forma o vento, como se propague o som; a natureza do fogo he hum mysterio, e todo este aparatoso theatro do Universo hum perfeito enigma indecifrável. Se contemplo as opiniões dos Philosophos a respeito do homem, ainda no imperio da Metaphisica, encontro mais densas sombras. A Ontologia, que parece dar mais facil accesso a verdade, tem em si huma escuridão espantosa. A definição dos termos *substancia*, e *espaço* tem dado lugar a funestissimos erros. Todo o systema de Spinoza aqui tem a sua origem; e bem analysados os systemas de Mallebranche, e Clarke coincidem com o mesmo Spinoza. A Psychologia offerece outra serie de enigmas inexplica-

(5)
veis, que produzirão o absurdo systema de Leibnitz, e Wolfio.

Eu parei, onde todos tem parado. Nada satisfaz do que diz Locke, do que diz Condillac, do que diz Kant sobre a origem das ideias. Entre tantos, e tão cegos labirintos não poderá o homem ao menos conhecer-se a si? Antes que meus olhos para sempre se fechem, antes que o pó, e o eterno esquecimento me envolva, quiz tentar conhecer-me a mim, e ver o que o homem só consigo pode saber, independente de tudo o que não seja seu discurso, e sua razão. Fechei pois todos os livros, esqueci-me de todos os systemas, entrequei-me á minha contemplação, entrei dentro em mim mesmo, e determinei fazer hum livro, que marque, e assignale os limites impreteriveis do saber humano. Devo dar conta de mim á Humanidade, antes que expire, analysando me, como se immediatamente soubesse agora das mãos da Natureza, e exercitando a faculdade de ente pensador. Deixo hum legado á Posteridade, e formo hum circulo á Philosophia, fóra do qual nunca se achará mais que opinião, e nunca a verdade. Vou mostrar em mim o que se pode saber sem a Revelação. Vejo, que he mui pouco, mas nada mais se sabe, nada mais se saberá. A docta, e soberba ignorancia deste seculo pede a Portugal hum livro Scientifico, e Portugal vai mostrar ao seculo das revoluções, e da superficialidade, que nenhum seculo até qui soube mais, do que elle lhe vai dar a saber. Fóra da Philosophia não há sciencia, há memoria. A sabedoria he conhecer-se o homem, e de tal maneira, que não haja, nem possa haver mais que conhecer. Theorias politicas, conhecimentos mathematicos de pura convenção, Historias das Nações, fluctuações medicas ou inuteis, ou perniciosas, ridiculos systemas de Moral, indigestas machinas de Juri-prudencia, não se podem chamar verdadeira sabe-

doria. Tudo isto he sempre vario, sempre incerto, tudo isto fará o homem instruido, porem não o fará sabio, nem se poderá chamar Philosopho, se não aquelle, que com evidencia se conhecer. O primeiro passo para não ser impio he ser verdadeiro Philosopho.

Eu o sou, ao menos na vontade, e deixo á minha Patria neste livro hum legado precioso, cumprindo huma ordenação, que há tantos seculos fizeram os sabios. — Conhece-te a ti mesmo: fóra disto não há sciencia.

(Mac. T. Phil.)

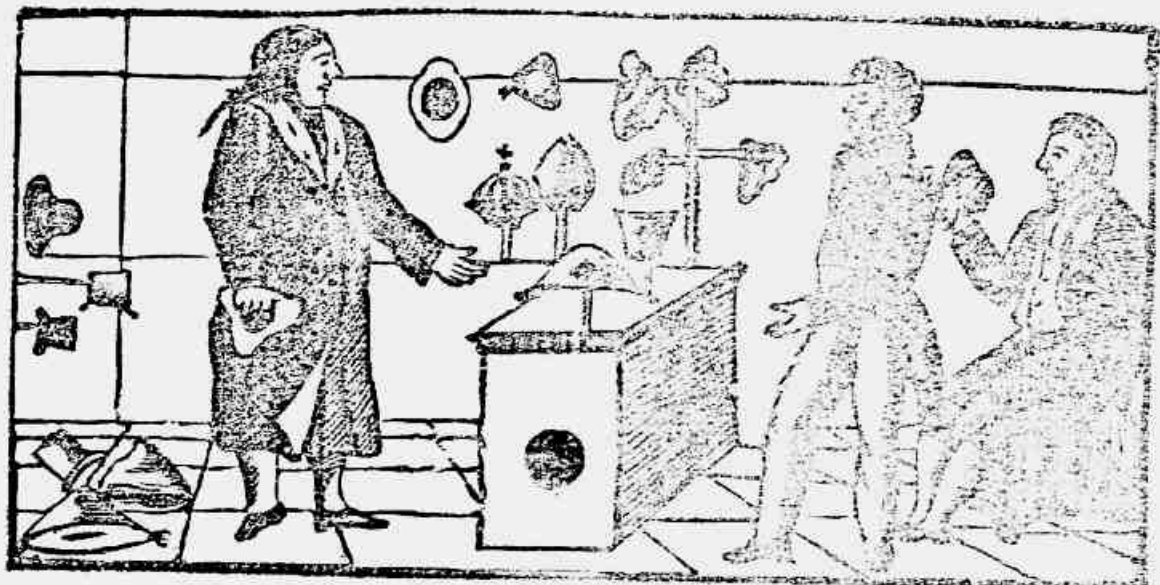
Assim discorre quem há consumido largos annos no estudo da Philosophia, assim se convence da curtiude da razão humana quem encinecco sobre os livros. Mas não succede o mesmo com certos dos nossos *jovens*, que muitas vezes ainda penugentos, e barbipocentes já sabem tudo, e se apavorão da infallibilidade da sua razão. Muitos assobios respeitaveis confissão, que as grandes verdades da Moral não vierão ao homem, se não pela Revelação; porem esses *jovens* riem-se de tal proposição, e dizem em tom categorico, e decisivo, que isso de Revelação he huma patranha, he huma chimera, engenhoso invento dos Padres, &c. &c, e fundados na *infallivel* auctoridade da Politica Natural do Barão d'Holbac, e de outros, Patriarcas da mesma estofa são linda, e garbosamente materialistas, e athêos, cu se ainda fazem o favor de admitir a existencia de Deos, nisto separão, e quando muito gabão-se de seguir a Religião natural, cousa, que ainda ninguem sabe o que he; por que são tantas as cabeças, quantas as Religões naturaes.

Sem entrarmos em especulações, e exames subtilissimos sobre a força natural da razão humana independente da Revelação, só os factos, e a experien-

cia nos podem levar ao conhecimento d'aquella por caminho seguro. Balda-do he pois entrar na questão do que po-de a razão humana entregue a si só, deslucida de todo extraordinario, con-sultando para isto os varios systemas formados por sabios, que viverão em seculos, e paizes illustrados pelas luzes da Revelação; por que em tal caso po-de se mui rasoavelmente suppor, que esta os instruiu em todas as verdades, e isto muitas vezes insensivelmente, e sem que elles de tal se convenção; por isso os systemas dos nossos Philosophos, nascidos, e educados no seio do Chris-tianismo, e grandes panegyristas da Religião Natural, nada provão da for-ça da razão humana em materia de Re-ligião. O mesmo se pode dizer da Mo-ral dos Philosophos pagãos, que escre-vêrão depois da vinda de J. C.; por que bem a podião ter aprendido do E-vangelho. O Doutor Campbell no seu excellente livro da *Necessidade da Re-velação* assim se exprime a este respeito „ Para se julgar da verdadeira capaci-dade do entendimento humano, e até onde pode e te chegar só por si em ma-teria de Religião, cumpre consultar a generalidade da especie, e não o talen-to particularissimo d'alguns homens ex-traordinariamente favorecidos da natu-reza; por quanto ainda concedido, que tal, ou taes Philosophos neste seculo, n'aquella parte do mundo, em taes cir-cunstancias, &c. poderião por hum fe-liz acaso rememtar-se gradualmente até o conhecimento da existencia, e perfeições de Deos, da immortalidade d'alma, e d'outros pontos da Religião Natural, este phenomeno, que talvez nunca apparecesse, pelo que possivel, não deve servir de termo de compara-ção para se julgar da capacidade de to-

da a especie humana. „ De mais que despropositos, que absurdos em ma-teria de Moral não proferirão ainda os mais famosos Philosophos d'antiguida-de! Por isso dizia o proprio Socrates, „ Se Deos não se dignar de enviar-vos al-guem para vos instruir da sua parte, não espereis conseguir jamais, que se reformem os costumes dos homens. „

Este sabio hum dos maiores pensado-res do Paganismo reconhecia assim a obscuridade, e insufficiencia da Reli-gião Natural, entre tanto que ahi qual quer joven, alias nascido, e criado no seio de huma Religião Revelada, diz em tom de Oraculo, que aquella he mais que sufficiente, e que esta he hu-mra patrinha Sacerdotal, &c. &c., e outras proposições lidas á pressa, ou tomadas d'ourelha de Voltaire, Diderot, Holbac, e mais sucha Philosophante. Mas se se lhe pergunta o que he Reli-gião, e o q' he natural, *hoc opus, hic labor est.* Declamações, palavras des-cosidas, e quando se vê mais apertado, já sabe dizer com ar d'importancia, que he preciso, que respeitemos asconvicções huns dos outros. Sim, Senhores Jovens *desabusa-dos*, eu respeito muito as con-vicções do meu proximo; mas o que mui-tissimo duvido he, que a incredulidade de Suas Se-nhorias nasça de convicção pro-pria, e que não sejam da classe d'aquelles, de quem proferia o Santo Rei Psalmista — *Dixit insipiens in corde suo, non est Deus.* O tollo disse em seu zeração: não há Deos.



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli
Percere verzonis, dicere de vitiis.*

Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

A Philosophia.

Eu morro : tudo me annuncia este proximo, e inevitavel termo. Para qual quer parte, que volva os olhos, não descubro mais, que documentos da morte. Eu não teria nem ao menos encarado a imagem da Philosophia, se me assustasse, ou intimidasse com esta lembrança. Eu concidero a morte, como hum dos dons mais preciosos da Natureza. Ella he hum meio, de que a mesma Natureza se serve para a continua successão dos individuos, ficando sempre indestructivel a sua especie : he hum lei universal ; e murmurar della seria oppor-se ás disposições eternas do Auctor da mesma Natureza. Eu morro : eisaqui por outro lado hum certeza, hum evidencia amarga ; por que sentindo-me nascido, como todos os outros individuos da especie humana, com hum irresistivel tendencia para saber, e conhecer ; nenhum estudo, nenhuma applicação, nenhuma observação me tem salvado da ignorancia, e morro ignorante. A Natureza tudo revela, e nada explica ; eu tenho

observado, e consultado em livros dos maiores Philosophos ; eu não encontro se não enigmas impenetraveis á razão humana, e confido nos limites desta mesma razão, não palpei mais, do que sombras, que quanto mais se procurão romper, mais se condensão. O primeiro objecto, que toca ao espirito do homem pensador, he este quadro augusto do Universo. Quer ao clarão da Philosophia descortinar sua origem, conhecer sua essencia, e na mesmo instante se desengana, que he impossivel penetrar este abysmo só com luzes da razão. Com ella não se conhece a origem da materia : observa-se na mesma materia humma qualidade inherente, que he o movimento, e só com a razão não se pode, nem poderá jamais conhecer a causa, e a origem do movimento. Perdi humma grande parte da minha vida na indagação destes dous enigmas pelo estudo dos escriptos dos antigos : nenhum dos systemas dos Philosophos me foi desconhecido ; porque nenhum delles deixa de ser exposto nos livros de Bruker. Não encon-

trei mais, do que duvidas, fluctuações, miseráveis, e lastimosos enganos. Li os Modernos: pôde, por ex., Descartes, ou Newton dizer como as cousas se fazem. As minhas conclusões foram sempre estas — Tudo se ignora: nós não sabemos em *Philosophia natural*, nós não sabemos em *Metaphisica*, se não aquillo, que a Revelação nos quiz dizer; mas os *Mysterios da Revelação* são para se acreditarem, e não para se discutirem. Não há huma só opinião dos Philosophos, que se não possa considerar huma verdadeira loucura: basta ler com alguma attenção a historia destas minhas opiniões em todos os que escreverão ou vidas dos Philosophos, ou *Historia da Philosophia*: eu não limito esta proposição aos antigos, estendendo-a aos modernos: atracção, e turbilhões são do mesmo caracter, que qualidades occultas. He preciso pois, que eu distinga sempre estes dous termos: homem da Natureza, e homem da Revelação. No estado de conhecimentos naturaes, eu philosophico tudo he ignorancia, bem como no estado de conhecimentos revelados tudo he sciencia, e demonstração; por que o espirito acredita, pára, e não discute. Eu não me contemplo neste estado, contemplo-me como puro Philosopho, e vejo, que como tal, tudo se ignora. Isto não he o partido do *Scepticismo*; por que huma vez que apparecesse a evidencia, eu cederia, e o achado d'huma verdadeira seria hum triumpho, mas eu morro ignorante, como todos.

E o que há demonstrado nas *Sciencias Naturaes*? Há huma guerra interminavel de *Systemas*: combatem-se, e destroem-se mutuamente, e todos parão nas mesmas barreiras, todos sentem os mesmos obstaculos, e nenhum delles desentranha a verdade do seio das sombras, em que jaz perpetuamente envolta; Considero a *Sciencia Astronomica* desde Thales até *Le-Place*; nenhuma só verdade demonstrada. Os Seculos

tem produzido *systemas*; mas não tem produzido demonstrações. O motivo do movimento dos astros ainda ignora, e tanto me dizem as qualidades occultas de Aristoteles, os epicyclos de Ptolomeo, como as leis da gravitação inventadas por Newton são chiméras os turbilhões de Descartes: tudo he sombra, engano, e ignorancia. Do phenomeno mais patente he sempre a causa ignorada. D'onde procede o fluxo, e o refluxo? Como se accendem, e extinguem os vulcões? Como se forma o raio? Qual a origem das fontes? Como se executa o phenomeno da geração animal? Qual he a causa da vegetação? Que cousa he esta terra, em que nós habitamos? Que revoluções tem sentido este Globo? Isto não sabe dizer a *Philosophia*, e he ser soberbo não se confessar ignorante. Tirai as palavras do Philosopho, tirai-lhe o conhecimento da historia dos *Systemas*; em demonstrações fica igual ao rustico. Tal he o meu estado junto do tumulo. Eu sei o que os outros disserão; mas saber não he saber a verdade, e morro ignorante. Eu não sei dizer o que he huma estrella; eu não sei dizer o que he hum cometa; eu não conheço a essencia da luz; eu igno o, que cousa seja o ar, como se forma o vento, como se propague o som; a natureza do fogo he hum mysterio, e todo este aparatoso theatro do Universo hum perlenho enigma indecifrável. Se contemplo as opiniões dos Philosophos a respeito do homem, ainda no imperio da *Metaphisica*, encontro mais densas sombras. A *Ontologia*, que parece dar mais facil accesso a verdade, tem em si huma escuridão espantosa. A definição dos termos *substancia*, e *espaço* tem dado lugar a funestissimos erros. Todo o *systema* de Spinoza aqui tem a sua origem; e bem analysados os *systemas* de Mallebranche, e Clarke coincidem com o mesmo Spinoza. A *Psychologia* offerece outra serie de enigmas inexplica-

veis, que produzirão o absurdo systema de Leibnitz, e Wolffio.

Eu parci, onde todos t'm parado. Nada sei do que diz Locke, do que diz Condillac, do que diz Kant sobre a origem das ideias. Entre tantos, e tão cegos labyrinthos não poderá o homem ao menos conhecer-se a si? Antes que meus olhos para sempre se fechem, antes que o pó, e o eterno esquecimento me envolva, quiz tentar conhecer-me a mim, e ver o que o homem só consigo pode saber, independente de tudo o que não seja seu discurso, e sua razão. Fechei pois todos os livros, esqueci-me de todos os systemas, entreguei-me á minha contemplação, entrei dentro em mim mesmo, e determinei fazer hum livro, que marque, e assignale os limites impreteriveis do saber humano. Devo dar conta de mim á Humanidade, antes que expire, analysando-me, como se immediatamente soubesse agora das mãos da Natureza, e exercitando a faculdade de este pensador. Deixo hum legado á Posteridade, e formo hum circulo á Philosophia, fóra do qual nunca se achará mais que opinião, e nunca a verdade. Vou mostrar em mim o que se pode saber sem a Revelação. Veja, que he mui pouco, mas nada mais se sabe, nada mais se saberá. A docta, e soberba ignorancia deste seculo pede a Portugal hum livro Scientifico, e Portugal vai mostrar ao seculo das revoluções, e da superficialidade, que nenhum seculo até qui soube mais, do que elle lhe vai dar a saber. Fóra da Philosophia não há sciencia, há memoria. A sabedoria he conhecer-se o homem, e de tal maneira, que não haja, nem possa haver mais que conhecer. Theorias politicas, conhecimentos mathematicos de pura convenção, Historias das Nações, flutuações medicas ou inuteis, ou perniciosas, ridiculos systemas de Moral, indigestas machinas de Juri-prudencia, não se podem chamar verdadeira sabe-

doria. Tudo isto he sempre vario, e sempre incerto, tudo isto fará o homem instruido, porèm não o fará sabio, nem se poderá chamar Philosopho, se não aquelle, que com evidencia se conhecer. O primeiro passo para não ser bobo he ser verdadeiro Philosopho.

Eu o seu, ao menos na vontade, e deixo á minha Patria neste livro hum legado precioso, cumprindo hum ordenação, que há tantos seculos fizeram os sabios. — Conhece-te a ti mesmo; fóra disto não há sciencia.

(Mac. T. Phil.)

Assim discorre quem há consumido largos annos no estudo da Philosophia, assim se convence da certidade da razão humana quem encanecto sobre os livros. Mas não succede o mesmo com certos dos nossos jovens, que muitas vezes ainda penugentos, e barbipocentas já sabem tudo, e se apavonão da infallibilidade da sua razão. Muitos asbios respeitaveis confessaõ, que as grandes verdades da Moral não vierão ao homem, se não pela Revelação; porèm esses jovens riem-se de tal proposição, e dizem em tom cathgorico, e decisivo, que isso de Revelação he hum patraucha, he hum chimera, engenho-so invento dos Padres, &c. &c., e fundados na *infallivel* auctoridade da Politica Natural do Barão d'Holbac, e de outros, Patriarcas da mesma estofa são linda, e garbosamente materialistas, e athèos, ou se ainda fazem o favor de admittir a existencia de Deos, nisto parão, e quando muito gabão-se de seguir a Religião natural, cousa, que ainda ninguem sabe o que he; por que são tantas as cabeças, quantas as Religiões naturaes.

Sem entrarmos em especulações, e exames subtilissimos sobre a força natural da razão humana independente da Revelação, só os factos, e a experien-

cia nos podem levar ao conhecimento d'aquella por caminho seguro. Balda- do he pois entrar na questão do que po- de a razão humana entregue a si só, destituida de todo extraordinario, con- sultando para isto os varios systemas formados por sabios, que viverão em seculos, e paizes illustrados pelas luzes da Revelação; por que em tal caso po- de-se mui rasoavelmente suppor, que esta os instruiu em todas as verdades, e isto muitas vezes insensivelmente, e sem que elles de tal se convenção; por isso os systemas dos nossos Philosophos, nascidos, e educados no seio do Chris- tianismo, e grandes panegyristas da Religião Natural, nada provão da for- ça da razão humana em materia de Re- ligião. O mesmo se pode dizer da Mor- al dos Philosophos pagãos, que escre- verão depois da vinda de J. C.; por que bem a podião ter aprendido do E- vangelho. O Doutor Campbell no seu excellente livro da *Necessidade da Re- velação* assim se exprime a este respeito „ Fara se julgar da verdadeira capaci- dade do entendimento humano, e até onde pode este chegar só por si em ma- teria de Religião, cumpre consultar a generalidade da especie, e não o talen- to particularissimo d'alguns homens ex- traordinariamente favorecidos da natu- reza; por quanto ainda concedido, que tal, ou taes Philosophos neste seculo, n'aquella parte do mundo, em taes cir- cunstancias, &c. poderião por hum fe- liz accaso remontar-se gradualmente até o conhecimento da existencia, e perfeições de Deos, da immortalidade d'alma, e d'outros pontos da Religião Natural, este fenomeno, que talvez nunca apparecesse, posto que possivel, não deve servir de termo de compara- ção para se julgar da capacidade de to-

da a especie humana. „ De mais que despropositos, que absurdos em ma- teria de Moral não proferirão ainda os mais famosos Philosophos d'antiguida- de! Por isso dizia o proprio Socrates,, Se Deos não se dignar de enviar-vos al- guem para vos instruir da sua parte, não espereis conseguir jamais, que se reformem os costumes dos homens. „

Este sabio hum dos maiores pensado- res do Paganismo reconhecia assim a obscuridade, e insufficiencia da Reli- gião Natural, entre tanto que ahi qual quer joven, alias nascido, e criado no seio de huma Religião Revelada, diz em tom de Oraculo, que aquella he mais que sufficiente, e que esta he hu- ma patranha Sacerdotal, &c. &c., e outras proposições lidas á pressa, ou tomadas d'orelha de Voltaire, Diderot, Holbac, e mais sucia Philosophante. Mas se se lhe pergunta o que he Reli- gião, e o q' he natural, *hoc opus, hic labor est.* Declamações, palavras des- cosidas, e quando se vê mais apertado, já sabe dizer com ar d'importancia, que he preciso, que respeitemos asconvicções huns dos outros. Sim, Senhores Jovens *desabusa- dos*, eu respeito muito as con- vicções do meu proximo; mas o que muitissimo duvido he, que a incredulidade de Suas Se- nhorias nasça de convicção pro- pria, e que não sejam da classe d'aquelles, de quem proferia o Santo Rei Psalmista — *Dixit insipiens in corde suo, non est Deus.* O tollo disse em seu coração: não há Deos.